

QUANDO AMAZÔNIA É MAIS QUE FLORESTA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

WHEN THE AMAZON IS MORE THAN A FOREST IN ENVIRONMENTAL EDUCATION

Mônica de Oliveira Costa

Universidade do Estado do Amazonas

mdcosta@uea.edu.br

Silvia Nogueira Chaves

Universidade Federal do Pará

schaves@ufpa.br

Resumo

Este artigo é parte de uma tese de doutoramento que teve como objetivo central problematizar a Amazônia produzida nos materiais institucionais das secretarias de educação do Amazonas, assim como seus atravessamentos por enunciados de diferentes campos discursivos tais como mídia, literatura, música, economia, religião. A empiria assumiu como materialidade disparadora os materiais institucionais dessas secretarias, como editais de financiamento e os modos de atravessamento desses enunciados em outras materialidades discursivas por meio das quais também se produzem e circulam enunciados sobre a Amazônia. *Discurso, saber, poder e subjetivação*, são ferramentas tomadas de Foucault para empreender as análises, no propósito de desnaturalizar as descrições e definições que determinam supostas verdades, modos de ver/dizer a Amazônia. A trama enunciativa fabrica uma Amazônia Miúda que resiste em ser vista apenas por sua natureza e dá visibilidade a outros aspectos que também compõe a Amazônia e atuam na produção de uma Amazônia múltipla.

Palavras chave: Educação em Ciências, Educação Ambiental, Amazônia.
Discurso.

Abstract

This article is part of a doctorate thesis which had as main goal to problematize the Amazon produced in the institutional materials of the education secretariates in Amazonas, as well as its crossing through statements of different discursive fields such as media, literature, music, economy, religion. It was empirically assumed as relevant source the institutional materials from those secretariates, like funding reports and the ways of crossing through such statements in other discursive materialities by which assertions about the Amazon are also produced and propagated. *Discourse, knowledge, power and subject* are Foucauldian tools used to hold analyses, under the purpose to denaturalize the descriptions and definitions that determine supposed truths, ways of seeing/telling the Amazon. The enunciative plot creates a Diminished Amazon which resists in being seen only for its nature and gives visibility to other aspects that also compose the Amazon and act in the production of a Multiple Amazon

Key words: Science Education, Environmental Education, Amazon, Discourse.

AS BORDAS DA PESQUISA

Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconciliável com seu passado.
MILTON HATOUM

A Amazônia tem levantado intensos interesses de pesquisas, muitas vezes o desejo de estudá-la vem do fato de como é apresentada: uma terra de mistérios e lendas; a exuberância da natureza; o modo dito peculiar dos moradores, entre outros. É válido ressaltar que diferentes enunciados sobre Amazônia não se excluem, eles coexistem formando uma rede discursiva na qual se situam ora no centro ora nas bordas do discurso. Contudo, como destaca Souza (2014, p.30) “afastando-se os entulhos promocionais, as falácias da publicidade e a manipulação dos noticiários de acordo com os interesses econômicos, nota-se que a Amazônia vem sendo quase sempre vitimada, repetidamente abatida pelas simplificações, pela esterilização de suas lutas [...]”

É nesse sentido que apontamos a produtividade do processo de desnaturalização e deslocamento das ideias fabricadas sobre a Amazônia nos materiais institucionais analisados. Talvez Veiga-Neto (1996, p. 28) descreva melhor essa posição que aqui se assume ao dizer que: “é o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira, as constitui, [...] isso porque o que importa não é saber se existe uma ‘realidade real’, mas, sim, saber como se pensa essa realidade”.

Deste modo, assumimos o pressuposto de que muitas materialidades (filmes, espaços midiáticos, textos literários) estão presentes na educação desempenhando função pedagógica tanto quanto a escola, atuando na proliferação de enunciados que delineiam os modos de pensar a vida, a sociedade, o cotidiano, a Amazônia. Examinar tais artefatos como pedagogia possibilita ver suas implicações na fabricação de uma Amazônia entendida como real e de seus habitantes, pois “o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo a ‘cultura’- na geração seguinte” (HALL, 1997, p. 40-41).

Resistindo às normas e padronizações, esta pesquisa tem como propósito analisar e problematizar a visão de Amazônia presentes nos materiais institucionais das redes municipal e estadual do Amazonas utilizados para no ensino de ciências. Que Amazônia é produzida pelos enunciados presentes nesses materiais? Que efeitos nos modos de ver, viver e dizer a Amazônia esses enunciados produzem? Que impactos geram na educação científica? Essas são questões que movimentam esse estudo.

Em termos metodológicos este trabalho alinha-se com os Estudos Culturais da Ciência. Portanto, o percurso metodológico trilhado na pesquisa foi construído no processo de pesquisar. Não houve um caminho estabelecido à priori para composição e análise do objeto de investigação. O que se tinha eram pontos de partida, mas o próprio desenvolvimento do estudo e seus “achados” orientavam os passos seguintes a percorrer. Nesta perspectiva, em relação à empiria que constitui o *corpus* de análise partiu-se inicialmente dos materiais institucionais da SEMED- Manaus e SEDUC-AM, voltados para a educação científica na Educação Básica. Nestes materiais buscavam-se enunciados em que aparecia o objeto discursivo Amazônia. Todavia, com base nos aportes teóricos da analítica foucaultiana, essa empiria foi sendo ampliada à medida que se considera que enunciados não existem isoladamente. Eles existem em relações um aos outros formando uma rede discursiva na qual

se dispersam e circulam. Portanto, para tecer esta rede foi preciso ampliar a empiria da pesquisa incluindo em seu *corpus* de análise outras materialidades, tais como textos literários, filmes, músicas, em que os enunciados, inicialmente localizados nos materiais institucionais de ciências, também aparecem formando discursos que instituem modos de viver e ver a Amazônia.

UMA AMAZÔNIA MIÚDA

Nos materiais institucionais analisados ao lado de uma Amazônia superlativa, predominante apresentada como floresta, natureza, aparece também uma Amazônia que nomeamos de **Amazônia miúda** que se torna visível em enunciados que falam de modos de resistência à ordem discursiva vigente travando lutas, escapando às visibilidades macroscópicas. Uma Amazônia tocada e retocada pela urbanidade, pelo humano que nunca, em nenhum tempo deixou de metamorfosear-se nela e com ela, posto que “nós alteramos a natureza sempre e continuamente, já desde a nossa própria existência”. (BORSCHÉ, 2011, p.116) Nos textos institucionais essa Amazônia comparece.

A agenda Ambiental para a Administração Pública - A₃P, é entendida como estratégia de construção de uma nova e necessária cultura institucional para a criação, inserção e generalização de critérios sociais, ambientais, políticos, econômicos na administração pública dos grandes centros urbanos da Amazônia, como o estado do Amazonas. Tais critérios são tomados como parâmetros nas escolhas de projetos, programas, obras que beneficiem o desenvolvimento amazônico. (Agenda Ambiental para a Administração Pública/Amazonas, 2016, p. 03)

As ações da SEDUC estão pautadas pelo reconhecimento da diversidade cultural, social e ambiental respeitando as singularidades urbanas/rurais da Amazônia e resgatando as experiências locais; (Agenda 21/AMAZONAS, 2012, p. 11)

Tanto a Agenda Ambiental na Administração Pública quanto a Agenda 21, trazem o urbano como possibilidade de dizer a Amazônia, na medida em que qualificam o econômico, a cultura, o social, as obras como próprios de uma Amazônia múltipla, não unificada, diversa não somente do ponto de vista do ecológico, mas também em seus modos de organização ambiental, social. Esta **Amazônia miúda** em sua (in)visibilidade respira em meio a paisagem, sobrevive e rasga a floresta demarcando seu espaço tocado, industrializado, em movimento como também constituinte de uma Amazônia múltipla.

Uma Amazônia vista pela urbanidade já foi descrita durante o *boom* da borracha, quando as cidades amazônicas, Manaus e Belém, principalmente, são vistas por sua arquitetura, monumentos, pavimentação na tentativa de simular uma vida dita europeia, uma espécie de simulacro espacial que tenta apagar a natureza circundante. A Amazônia urbana é produzida a partir de uma necessidade de inserção no circuito da capital, na qual a natureza não é convidada a apresentar sua exuberância.

Em seu romance *Primeira manhã* Dalcídio Jurandir fala do apagamento, durante a *Belle Époque*, desta Amazônia paisagem em prol de uma civilidade que precisa ser instaurada por meio de uma educação de feição europeia.

Na cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará [...], uma penca de verdes ginásios, empapados de calor e tédio, escutam sem interesse a agressiva preleção do professor de geografia sobre os rios do mundo.

- Inundei os senhores de rios da Europa e aí estão os senhores, secos, seus selvagens. De civilização nunca se molham?

Batia as abas do paletó, caiu-lhe o leque das mãos, a aluna apanhou.

- E eu aqui, ensopado, ensopado. Trinta anos de bacias e estuários.

Trinta. – Amparou-se na mesa do estrado, vacilou, concentrou-se, como se fizesse um gesto intrépido, sobre o carvão do Ruhr, canais, castelos, levadiças e logo traçou um curso; em letras fluviais escreveu, como se desaguasse: Ródano.

E mediu nos alunos o efeito de sua proeza. Numa voz surda, lá se foi, sozinho, para a Itália, bêbado de afluentes, voltou depressa e calou-se à beira de um congelado rio da Rússia. (JURANDIR, 2006, p. 135)

A Amazônia exuberância natural com suas matas e rios caudalosos, tão decantada hoje, era um enunciado que não estava na ordem do discurso civilizatório difundido na *Belle Époque* dos trópicos. Era preciso domesticar, instruir, polir a aspereza daquele mundo e de seu povo em estado bruto, natural. Interessante notar que na dança histórica dos enunciados a civilidade de ontem retorna como barbárie no hoje invertendo uma correlação de forças e atestando que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2008, p. 26). A emergência do discurso ambientalista e toda a trama que tece ao seu redor é o *acontecimento* que possibilita a volta da Amazônia natureza, que agora não é mais selvagem, ao contrário é frágil e corre risco diante da selvageria do homem civilizado. Talvez a invenção de uma **Amazônia miúda** possibilite escapar do essencialismo, das identidades fixas, inatas que supostamente habitam esse território e multiplicá-lo, tornando-o uma composição fluida, cambiante, metamórfica. Esta Amazônia fala muitas línguas, tem muitos sotaques, dança muitos ritmos, povoa as artes, a literatura de muitos países, é composta de tantas cidades, tantas gentes... Um fragmento dessa pluralidade palpita no poema “Exílio do pé quebrado” de Paulo Nunes, (2001)

Minha terra tem açazeiro/que um palmitero boliu/as mangueiras já não enfeitam/a catorze de abril. Minha terra é Ver-o-Peso/da Bahia do Guajará/Os periquitos daqui/não cantam como os de lá. Minha terra é curiosa/Tem caveira de sapo enterrado/A gente toca carimbo/só que escuta marujada. Que prazer encontro eu lá/nas manhãs de chuva fina a garoa vai brotando/feito xixi de menina. Não permita, minha Senhora,/ Santinha de amor e de fé/Que eu desmanche sem voltar/ao Círio de Nazaré.

Essas materialidades analisadas colocam em disputa algumas “versões” ditas amazônicas, que não negam os seus elementos naturais, mas também não a reduz exclusivamente a isso. Fazem aparecer multiplicidades nas formas de descrevê-la nas tramas discursivas, ou seja, a Amazônia que se fala não é uma só, ela é plural: natureza, índio, laboratório científico, povos tradicionais, urbanidade, madeira de lei, água em abundância, problemas ambientais, reserva natural, manejo sustentável, desenvolvimento econômico e industrial, cultura científica.

A Educação Ambiental do Estado do Amazonas deve atender e valorizar as diversas singularidades e regionalidades que compõe a Amazônia, tendo como enfoque as diferentes realidades humanas, disseminando na comunidade escolar a necessidade do bem-estar e da qualidade de vida. (Folder da Educação Ambiental da Seduc/AMAZONAS, 2015)

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (DISCIPLINA HISTÓRIA)

Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade étnico racial, sexual, gênero e religiosos presentes no contexto amazônico. (Proposta Curricular Semed/MANAUAS, 2014, p. 198)

As **questões menores** da Amazônia, como a diversidade étnico racial, instituídas nos materiais institucionais analisados, são rotas de fuga para a constituição de modos de vida heterogênea em várias Amazônias. Estas criadas para além das fabricações hegemônicas aparecem de forma pouca expressiva diante da naturalização das questões ditas mundiais como o desmatamento e o aquecimento global, mas se colocam não pela capacidade de alcance ou generalização e, sim pela pequenez que pulsa e mobiliza a pluralidade frente as constantes catalogações biológicas amazônicas.

As possibilidades humanas da **Amazônia miúda** é certamente um mosaico complexo de interações, conflitos e resistências culturais, não sendo possível falar de um retrato dessas híbridas humanidades. A Educação Ambiental é aqui entendida como educação para a vida, para as relações com o outro, seja este outro bicho, gente, planta, bactéria... Todos seres viventes que constituem junto com o humano o patrimônio pelo qual se luta, a vida. Dessa forma, a Educação Ambiental não é somente aquilo que acontece quando falamos de natureza, de lixo, de água e pandas. Educação ambiental é tudo aquilo que nos ensina a viver no mundo seja em qualquer tempo e espaço. Portanto, não é exercida apenas pelo dito professor ou educador ambiental, ou o professor de ciências, mas por toda uma coletividade que com suas práticas ensina modos de vida.

Subjetividades, espaços, lugares, posições que se pode ocupar não anulam outras possíveis, se de um lado tem-se o bairro do Educandos em Manaus, com suas casas de palafitas na beira dos igarapés, do outro se vê as construções luxuosas da *belle époque* com materiais vindos de outros países. Sua bela arquitetura retratada no Teatro Amazonas, No Mercado Adolfo Lisboa, no Porto Flutuante de Manaus, no Colégio D. Pedro II, no Palácio Rio Negro, na Universidade Livre de Manaós, na alfândega, outros, que são tomados como símbolos da modernização e civilização, mas que convivem com os camelôs¹ que ocupam o centro de Manaus.

Também se pode falar do Comércio do Fuxico que funciona como comércio de estivas e gêneros alimentícios que atravessa o bairro popular do Jorge Teixeira e tem uma venda intensa por seus preços baixos. Ou da Zona Franca de Manaus, com sua intensa produção e vendas nacional e internacional que sustenta a base da economia local principalmente devido os incentivos fiscais, mas também pelo desenvolvimento tecnológico favorecendo avanço nas pesquisas. Uma Amazônia vista pelo açai com peixe frito no Mercado Ver o peso, do sanduiche x-caboquinho em cafés de lanches, da diversidade de peixes que se tem acesso nas feiras, como o popular jaraqui que “quem come não sai daqui”, do gosto marcante do cupuaçu, do calor e das chuvas, as muitas águas, os variados transportes, a alegria dos pássaros, o cheiro da floresta, mas também do asfalto. É como exemplifica o sociólogo Guaraciaba Tupinambá Jr. ao falar de Manaus:

Manaus é uma cidade como tantas “cidades iceberg”, com uma porção visível a muitos e um lado maior que só pode ser visto por poucos. A ponta do iceberg é representada, por um lado, pela visão ufanista, resumida nas imagens apresentadas nos produtos publicitários, onde a cidade é exibida como paradisíaca. Por outro lado, ainda na superfície, há a Manaus da ótica pessimista, do “porto de lenha”, que “nunca será Liverpool”, a Manaus de todos os males. Há muitas mais cidades em Manaus. Cada bairro, quadra, rua, casa abriga olhares que vão da xenofobia “Manaus para os manauaras”, à visão cosmopolitana, da “Manaus para todos”. (JORNAL A CRÍTICA, 2013)

É importante destacar que alguns desses enunciados se contrapõe e coexistem num mesmo tempo, tendo algumas vezes uma versão maior destaque que a outra, já que a Amazônia é enunciada no âmbito de inúmeras formações discursivas que estão permeados por diferentes interesses em confronto. Entretanto, os aspectos naturais ainda estão no centro de disputa das narrativas amazônicas, pois ela ainda é reduzida a uma ideia de floresta onde o homem ora aparece como salvador ora é considerado como o destruidor sendo que essas posições muitas vezes dependem dos modos tidos como lícitos ou ilícitos de se relacionar com a natureza.

¹ Vendedores ambulantes que ocupam as ruas do centro de Manaus/Am.

Alguns ditos são consideradas mais verdadeiros e constituem formas de vida/conduita que parecem inatas/reais dos que se intitulam a Amazônia e de sua gente. Nesse processo inventivo não existe uma continuidade e linearidade nos elementos tomados pelos discursos para falar de uma Amazônia dita real, pelo contrário há diferentes aspectos postos em visibilidade que não permitem “unificação” discursiva. A análise do Regulamento da Feira de Ciências 2016 da Semed – Manaus, nos ajuda nessa argumentação:

*A ação proporcionará desafios aos estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, da Educação de Jovens e Adultos (1º e 2º segmentos), da Educação Indígena e Educação Especial, incentivando-os à **pesquisa científica** ou a **divulgação de boas práticas científicas** desenvolvidas nas escolas da Amazônia. (Regulamento da Feira de Ciências da Semed/MANAUS, 2016)*

A Amazônia constantemente é enquadrada como aquela que detém um conjunto de conhecimentos vistos como tradicionais e míticos, oriundos da tradição. Aqui ela é diferentemente montada como proprietária de conhecimentos científicos que são produzidos dentro das escolas amazônicas. O excerto faz circular uma Amazônia na condição de produtora e divulgadora da ciência. Quando Helder Macedo² vem a Manaus ministrar uma conferência com o título O encontro das águas, também fala de coisas da Amazônia que desmontam a ideia de um único discurso. É o caso do Teatro Amazonas “que deixou de ser uma anomalia exibicionista na cidade empobrecida, e é parte do seu cotidiano com recitais, concertos, teatro, ópera. A loucura do passado frutificando o presente” (2010, p. 248).

Assim, ainda se pode efetuar rasuras/rupturas/descontinuidades nos modos de ver e narrar outras tantas Amazônias que estão aí pela vida cotidiana de cada um de nós, pois como diz Italo Calvino (1993, p.18.) “ninguém sabe melhor do que tu, sábio Kublai, que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. É nesse sentido que se apresenta o trabalho de Jorge Bodanzky sobre a Amazônia, ao buscar as fissuras do discurso político (*integrar para não entregar*) e do discurso ambientalista (*preservar, manter em pé*) e retratar alguns modos de se posicionar na **Amazônia miúda**. Em Iracema – uma transa amazônica, Bodanzky cria personagens para falar de uma imagem não institucionalizada da Amazônia. No filme, um caminhoneiro, chamado Tião Brasil Grande, conhece na beira da estrada uma garota vinda do interior chamada Iracema que, desse encontro em diante, passa a ser explorada e a se prostituir. Bodanzky vai no reverso do discurso oficial do regime militar e mostra uma Amazônia onde há formas de trabalho escravo, de prostituição infantil e de conflitos de terra. Nesse cenário, o filme atua como denúncia de aspectos sociais e econômicos como também pertencentes à Amazônia.

Outra experiência produtiva para a Amazônia miúda é o projeto Vídeo nas Aldeias³ no qual as questões ditas indígenas são problematizadas e postas em visibilidade pelo próprio índio. O objetivo é descrever outros modos de ser índio ao desnaturalizar a ideia divulgada pela mídia como sendo uma única e indistinta categoria ao problematizar o índio tipificado, de sinais diacríticos identificáveis, (SORANZ GONÇALVES, 2009) para proporcionar a invenção de outras descrições das diferentes etnias e sua multiplicidade. Para Bentes,

Ao descolar a câmera da mão dos antropólogos e cineastas profissionais e formar realizadores indígenas, a primeira questão que podemos sublinhar é a do deslocamento de poder e uma reflexão decisiva sobre a produção do saber. Quem tem a câmera tem o comando e a simples posse pelos índios

² Poeta, romancista e ensaísta. Professor do King’s College London. O texto usando neste trabalho, o Encontro das águas, foi originalmente publicado no Jornal de Letras, Artes e Ideias (Portugal).

³ Este projeto faz parte das ações do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e de seu fundador, Vincent Carelli.

desse instrumento de observação, intervenção e comunicação pode produzir um outro pensamento ou dar visibilidade a uma outra lógica visual e mental.

Dalcídio Jurandir, em sua obra *Ciclo do Extremo Norte*, em suas quase 3.000 páginas apresenta a história e a cultura cotidianas da Amazônia, principalmente pelas camadas ditas populares. No quarto romance que compõe essa obra, *Belém do Grão Pará*, Dalcídio faz uma literatura menor, no sentido deleuziano⁴, ao descrever Belém como porta de entrada da Amazônia, e as condições econômicas e históricas da metrópole amazônica a partir da uma perspectiva de uma família de classe média, os Ancântara. As personagens centrais e suas vidas são narradas na luta entre o progresso da economia, afetada pelo fim do *boom* da borracha e a nostalgia das estruturas coloniais. A base material para a descrição de uma **Amazônia miúda**, cotidiana, são as condições de moradia⁵, sendo a cidade de Belém apresentada como um território de classes sociais diferentes e móveis, na qual alguns sonham ser a *Paris às margens do Amazonas* outros desejavam apenas renovar esteticamente o padrão colonial português.

A epígrafe que abre esse texto traz aspectos de uma Amazônia pouco falada e pouco vista no cotidiano dos discursos históricos e midiáticos. Essa Amazônia mesmo que não esteja na ordem do discurso ela também vibra, pulsa e salta em suas singularidades já que não busca ser generalizações que conformam o olhar exclusivamente para os seus elementos naturais. Nela, a diversidade do bios prolifera para além das clonagens maquínicas que determinam o que é vida e as formas de vivê-la.

A literatura vivifica a **Amazônia miúda** narra suas histórias. O pesquisador também é um pouco romancista, historiador, já que a partir do seu posicionamento diante do objeto de pesquisa tem a possibilidade de instaurar uma crítica diferente daquelas massificadas. Milton Hatoum, em seus romances⁶, retrata a Amazônia como tão viva que parece ser ela uma personagem cercada de outros personagens com características psicológicas, sociais, físicas e até elementos de uma *amazonicidade*. A Amazônia de Milton Hatoum, em *Dois Irmãos* (2000) é um espaço de exuberância, que ali é de ordem cultural. Uma Amazônia multicultural narrada a partir da pluralidade de modos de vida urbana pautado numa cultura mestiça que mescla a presença de diversas etnias e classes sociais.

Na minha infância, a convivência com o Outro aconteceu na própria casa paterna. Filho de um imigrante oriental com uma brasileira de origem também oriental, eu pude descobrir, quando criança, os outros em mim mesmo. Ou, como afirma Todorov: “Uma pessoa pode dar-se conta de que não é uma substância homogênea e radicalmente estrangeira a tudo que não é ela própria. (HATOUM, 2004, p.1)

A Amazônia de Hatoum não é vista pelo estrangeiro, mas composta por estrangeiros que inventam vidas híbridas, feitas da mistura de corpos, crenças, hábitos, línguas. Essa Amazônia também comparece na novela *Órfãos de Eldorado* (2008), onde Hatoum desmonta uma Amazônia idílica ao narrá-la como mata e rio, mas também como cidade, urbanidade, povo, cultura, construções arquitetônicas, ainda que sobre ela paire desconfianças de sua

⁴ No livro *Kafka – Por uma Literatura Menor* Deleuze e Guatarri falam de uma literatura menor, das margens que não pretende ser grande, que não busca representar sua língua, mas sim produzir uma língua dentro da língua como um modo de resistência à literatura canônica. DELEUZE, G. e GUATARI, F. (1977)

⁵ Uma casa modesta de baixa classe média, na avenida Gentil Bittencourt; um sobrado na estrada de Nazaré; uma casa simples no Reduto; os barracos na periferia da cidade.

⁶ *Relato de um Certo Oriente* (2008), *Órfãos de Eldorado* (2008), *Dois Irmãos* (2000).

(im)provável civilidade: “eram loucos para conhecer o Teatro Amazonas, não entendiam como poderia existir um colosso de arquitetura nome meio da selva” (p.21).

Ao dar visibilidade a essa Amazônia invisível, o autor a edifica com outros matizes, outras cores - uma Amazônia em preto e branco, feita de escuros e sombras asfalto e poeira, teatros e rios - sem recorrer as formas cristalizadas e tornadas lugar comum, tão repisadas na mídia que fala exaustivamente de uma Amazônia “verde” que se quer manter verde. Essa é a **Amazônia miúda**, uma rasura, um rascunho no qual outras Amazônias são possíveis. Lugares compostos de pessoas, urbanidade, aspectos físicos, geográficos, históricos, psicológicos, fluxos migratórios, artes culinárias, religiões, línguas, que rompem com aquela Amazônia paisagem exuberante, em cuja vida nada identificamos da nossa vida. Talvez dessa rasura nasçam múltiplas Amazônias descompromissadas com as tonalidades que olhos viciados enxergam, alheias a expectativas missionárias de ter que sustentar o peso de ser o *celeiro e futuro do mundo*.

Conclusão

A análise dos enunciados presentes no corpus da pesquisa possibilitou desconfiar da Amazônia fabricada nos materiais institucionais predominantemente constituída por elementos naturais que se apresentam em abundância e que estão aí ocupando todo o território dito amazônico. Possibilitou, sobretudo, descrever o que está apagado, por exemplo, o aumento da densidade demográfica, que poderia ver as cidades que compõe a Amazônia por sua gente, pela variedade de moradias, pelas limitações dos serviços básicos de saúde. Desse modo, olhamos para outra Amazônia que não é constituída apenas pelos recursos naturais, mas por suas pessoas, pelo seu cotidiano, pela sua arte, em preto e branco. A Amazônia também é devir. A **Amazônia miúda** é tudo que é vivo e não está terminado. Ela é fruto de uma história incompleta, feita por gente e por isso “é, em todo tempo, ainda nascente”. (COUTO, 2013, p.26). Uma Amazônia que está sempre em estado inaugural.

Em termos de educação ambiental pensar numa Amazônia miúda nos coloca diante da urgência de nos ocuparmos não somente daquilo que se convencionou chamar impacto ambiental, mas também com as devastações ecológicas no campo social (GUATARRI, 2006). A Educação Ambiental é aqui entendida como educação para a vida, para as relações com o outro, seja este outro bicho, gente, planta, bactéria... todos seres viventes que constituem junto com o humano o patrimônio pelo qual se luta, a vida. Dessa forma, a Educação Ambiental não é somente aquilo que acontece quando falamos de natureza, de lixo, de água e pandas. Educação ambiental é tudo aquilo que nos ensina a viver no mundo seja em qualquer tempo e espaço. Portanto, não é exercida apenas pelo dito professor ou educador ambiental, ou o professor de ciências, mas por toda uma coletividade que com suas práticas ensina modos de vida.

Referências

BORSCHÉ, Tilman. Qual a natureza nós queremos? In: **Nietzsche/Deleuze/Natureza/Cultura**. LINS, Daniel; OLIVEIRA, Nilson; BARROS, Roberto. São Paulo: Lumme Editor, 2011.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DELEUZE, Gilles. GUATARI, Felix. **Kafka: Por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago editora, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GUATTARI Felix, **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Território imaginado: imagens da Amazônia no cinema**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas: Amazonas, 2009.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Revista educação e Realidade**. Porto Alegre v. 22, n. 2, p. 15-46, jul-dez, 1997.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. 2ª ed. Belém: EdUFPA, 2004.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

MACEDO, Helder. O encontro das águas. In: **Contra-corrente: revista de estudos literários**. Manaus, v. 1, n.1, 2010.

NUNES, Paulo. O mosquito qu'engoliu o boi. Capa e ilustrações de Emmanuel Nassar. Belém, PA: Paka - Tatu, 2002.

SOUSA, Márcio. Amazônia, regional e universal. IN: BASTOS, Élide Rugai. PINTO, Renan Freitas. **Vozes da Amazônia II**. Manaus: Valer, 2014.

TUPINAMBÁ JR. Guaraciaba. Olhando o Amazonas. *Jornal A Crítica*, Amazonas, 24 out. 2013. Opinião, p. A2.

VEIGA-NETO, Alfredo. A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. **Revista Educação e Realidade**. v.21, n. 2, Porto Alegre, jul-dez, 1996.